

O povo só queria ver de perto seu líder

começaram a chegar mais autoridades. Só a elas era permitida a entrada no velório, por uma porta nos fundos do palácio. A multidão lá fora continuava inquieta. Os policiais da PM recebiam reforços. Mas ainda reinava a calma dentro do palácio. Os repórteres

hesitavam entre procurar trabalhar junto das autoridades ou da multidão que ameaçava estourar os portões.

A homenagem a Tancredo se transformaria em tragédia meia hora depois de iniciado o velório. As grades e portões cediam à pressão da multidão, que daí em diante não seria mais contida. Durante algumas horas, os casos de pisoteamento se sucederiam.

Logo no início, o locutor que desde cedo organizava a cerimônia através dos altofalantes, tentou contê-la puxando o Hino Nacional. Não emocionou o povo e foi até o fim solitário. Hélio Garcia fez a sua tentativa: "Mineiros, é o governador que vos fala". Também não obteve sucesso. A confusão já era total. Centenas de policiais cruzavam os jardins para reforçar os que tentavam conter a multidão e para socorrer os feridos, que eram muitos.

O discurso

Durante algum tempo parecia que a situação estava fora de controle. As autoridades que estavam dentro da sala onde se realizava o velório, começavam a se retirar pelos fundos, como entraram. E os altofalantes anunciavam: dona Risoleta vai falar. E pedem calma. Pela primeira vez em todo o dia o som montado para orientar o povo não irrita ao não tocar música:

— Mineiros, mineiros. Minha gente, meu povo querido, dizia ela com a voz embargada. Eu quero que todos estejam juntos daquele que deu a sua vida inteira para vocês.

Durante o discurso, a polícia conseguiu fechar os portões. A ameaça de invasão estava contida. Um portão lateral é aberto para que se inicie a visitação pública. Os populares são conduzidos rapidamente. A sala onde está o corpo é pequena. No centro está o esquife. Aécio, o neto, é o único membro da família presente. O povo, ao passar, tem em primeiro plano o corpo do avô, em segundo, o seu rosto emocionado. Uma moça simples do povo passa e mostra a ele um cartaz: "Homenagem a Tancredo. O homem que não governou, mas ensinou a governar".

O herdeiro não consegue esconder a emoção: contrai os lábios com os dentes e seus olhos, já vermelhos, ameaçam soltar as lágrimas contidas. Lá fora, a confusão continua: os policiais ainda carregam feridos, dona Risoleta volta aos altofalantes. Pede calma, procura transmitir paz. Mas nada deve impedir que o povo continue a visitar o corpo de Tancredo Neves até esta manhã. Com a presença do neto, o homem que ele pretendia preparar para se tornar seu herdeiro.

Rodrigo Lara Mesquita

A banda da Polícia Militar de Minas Gerais tocava a "Marcha Fúnebre" de Chopin e os cadetes que carregavam o corpo do homem que sintetizou todas as esperanças dos brasileiros, nos últimos meses, já estavam para subir os degraus da porta de entrada do Palácio da Liberdade, quando a atenção de todos foi desviada pelos gritos da multidão que esperava lá fora. O povo queria ver Tancredo Neves.

Quem viu esse povo sofrido com a cara triste chegando desde cedo à praça da Liberdade, para esperar o líder morto, jamais imaginaria que o dia iria terminar em tragédia. Eles chegavam escutando "Coração de Estudante", propagado por um sofrível conjunto de alto-falantes dirigidos para a praça, e a música era interrompida de tempo em tempo para a transmissão de informações sobre a viagem que o líder fazia de Brasília para Belo Horizonte.

E quem estava lá fazia a comparação inevitável. No Palácio do Planalto, políticos de todo o País e de todas as facções. Grandes empresários, artistas e jornalistas. Aqui, em Belo Horizonte, autoridades locais, artistas ausentes e um número bem menor de jornalistas. Lá, a certeza de que o futuro do País estava sendo discutido em todos os níveis. E todas as atenções estavam voltadas para a preservação do delicado equilíbrio de forças estabelecido pelo líder morto. Aqui, o povo. A emoção desta gente

que espera um milagre. Que acredita que um homem possa resolver todos os seus problemas. Que são tantos.

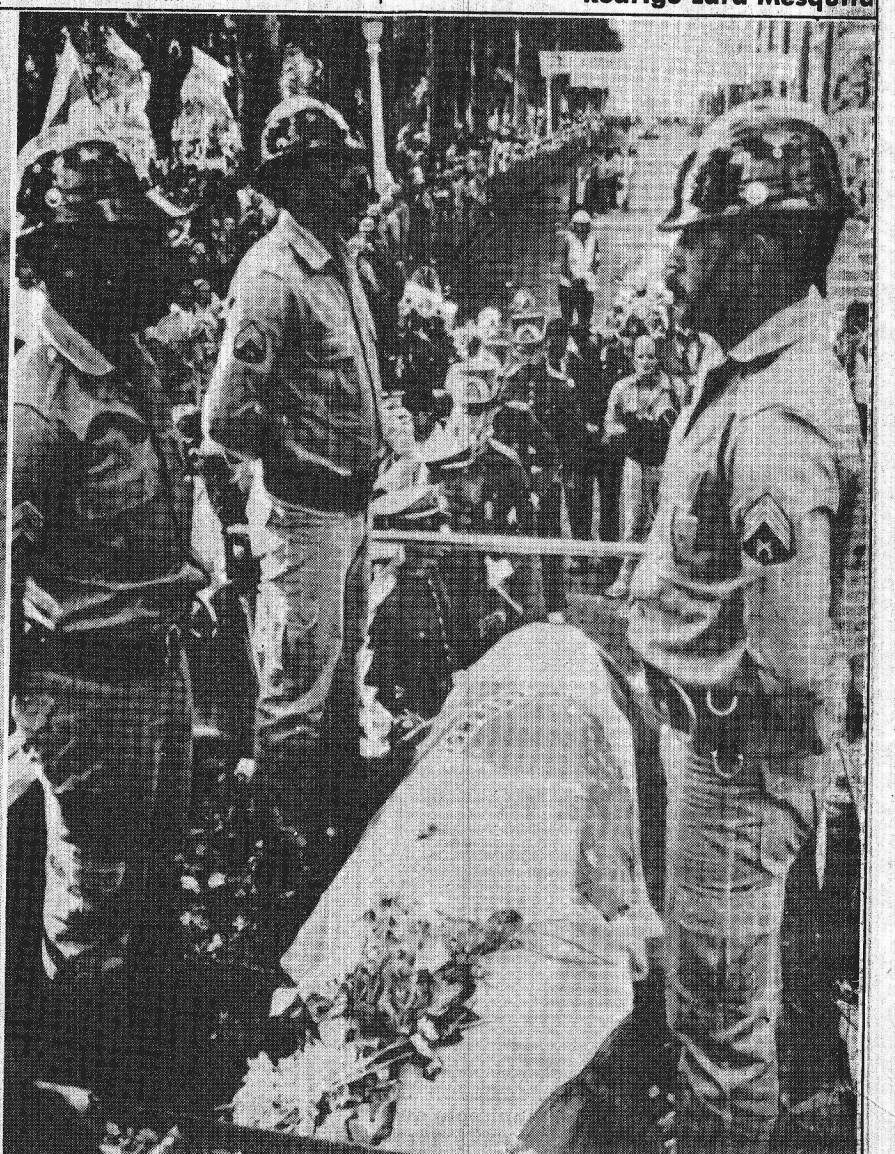
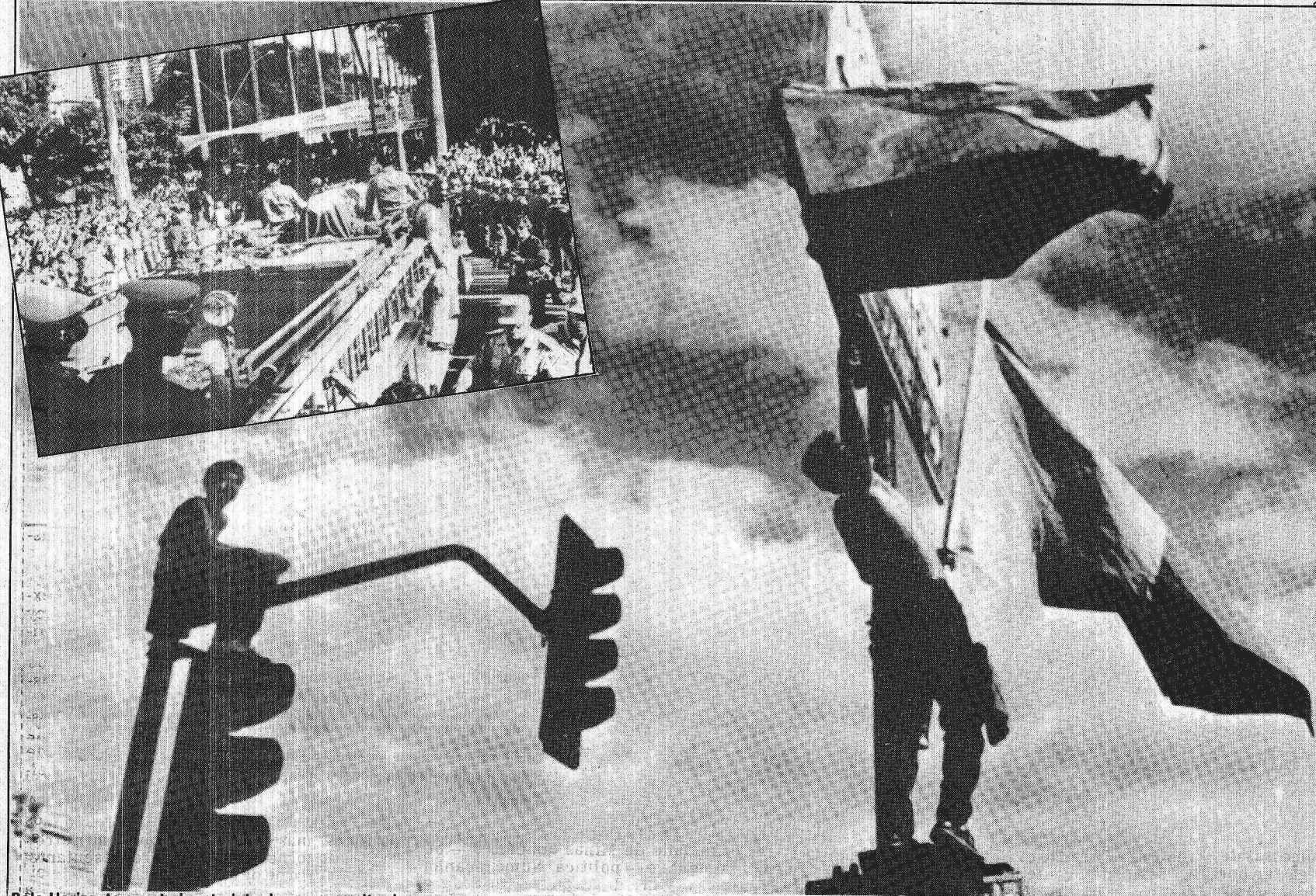
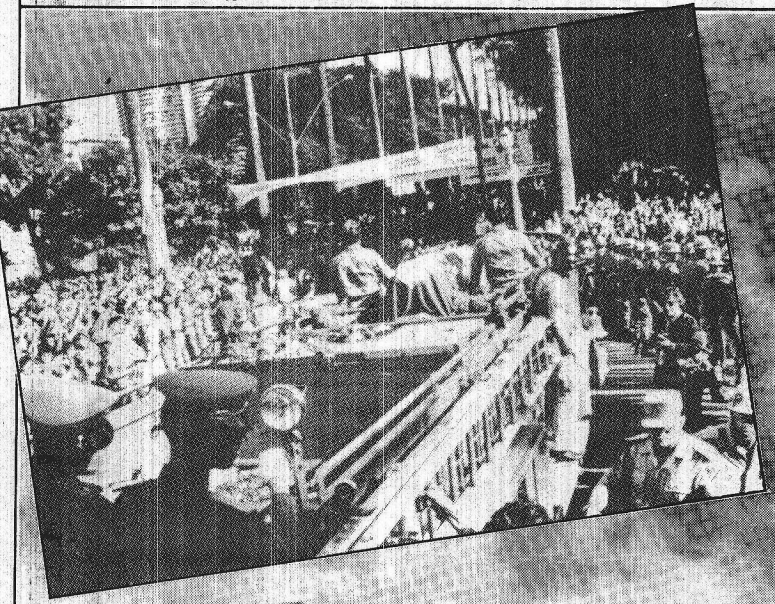
— Ele era um homem bom. Muito católico.

Era o que dizia Abílio, o homem que cuida das plantas do Palácio da Liberdade há 29 anos, enquanto ajudava a distribuir as coroas de flores enviadas para o velório. Dezenas de policiais da PM circulavam nos fundos do palácio. Nada dava a impressão de que o último dia de Tancredo Neves em Belo Horizonte seria marcado por outro fato que não fosse a reverência.

A primeira ameaça

Quando o carro do Corpo de Bombeiros que trazia o esquife atravessou a alameda da palmeiras imperiais e estacionou na praça, em frente ao palácio, a multidão aplaudia. E acenava com bandeirinhas e lenços brancos. Dona Risoleta, classificada pelo locutor oficial como a "dama de ferro", foi a primeira a entrar na sala onde o corpo ficaria exposto à visitação pública. Atrás, vinham o neto Aécio, a família, algumas autoridades e os governadores Franco Montoro e Hélio Garcia. Os portões do palácio foram fechados e a primeira ameaça de uma tragédia, contida. Mas a multidão continuava inquieta. O relógio marcava 15 horas.

Com a chegada do corpo e da família,



Belo Horizonte: por todo o trajeto do corpo, muitas homenagens.